

Mesa-Redonda: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO NO CAMPO DAS
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Márcia Regina Barros da Silva

USP e Sociedade Brasileira de História da Ciência

Resumo

A apresentação buscará discutir possibilidades de compreensão para o termo internacionalização a partir dos estudos de ciência e tecnologia. O ponto de partida está em questionar a ideia naturalizada de que a ciência se dissemina dos países centrais para os menos desenvolvidos. A proposta de nos pensarmos apenas pela escala da maturidade ou das fases de desenvolvimento das ciências é insuficiente para compreender os vários ‘tempos’ científicos dentro de uma mesma instituição, dentro de um mesmo país ou mesmo continente.

Permanece em nosso mundo acadêmico o entendimento de que a ciência é algo universal e que apenas as comunidades científicas é que são locais ou nacionais quando se verifica que a ciência é apenas universalizada, mundializada, e não universal, global ou transnacional, quer dizer a “Ciência” em maiúsculo, ontológica, não existe universalmente mas sim localmente, tanto quanto os grupos ou comunidades de cientistas.

Por oposição pode ser mais produtivo propor olhar especificidades. Talvez isso em nosso caso, latino americano e não desenvolvido, signifique pensar as simultaneidades, como se todas as diferentes ‘fases’ da apropriação das ciências interagissem e coexistissem no aqui e agora, formando um todo indistinto cronologicamente.

O cerne desse posicionamento sugere que nos países periféricos as ciências seguem um modelo progressivo de desenvolvimento. Para esse entendimento as sociedades ‘sem ciência’, quer dizer as sociedades, não europeias do mundo, que não tiveram acesso às ciências ditas modernas em seus primórdios, ou seja, às ciências originadas na Europa cujos antecedentes são bastante reconhecidos em personalidades como Galileu, Copérnico, Newton, esses países deveriam obedecer a um processo de superação em etapas até alcançarem as características das ciências independentes.

A ideia de ciência universal que vem de fora pode ser exatamente o problema que nos aflige e nos impede de encontrar uma solução, pois o entendimento descontextualizado de ciência seguiria sendo um “obstáculo epistemológico” para compreender e atuar nas ciências, por suas especificidades sempre locais, não universais.

Se se acredita que a ciência é universal então a forma de fazer ciência tem que ser aquela tradicionalmente apoiada: escrita em inglês; veiculada em determinado modelo de publicação; com laboratórios e instrumentos adequados para produzir certos dados e não outros; com pessoal em quantidade e qualidade suficientes para executar determinados experimentos; com aparato educacional e de informação determinados; com recursos econômicos e políticas científicas estipulados; adicionando a tal quadro uma última questão

problemática: que as definições de problemas que interessem à esse determinado formato são também externas.

Algumas perguntas podem ser tentadas: e se o 'Subdesenvolvimento' for não uma etapa mas uma situação? E se a 'Assimetria' da ciência latino-americana for uma propriedade permanente frente a um modelo dominante da ciência? Se a chamada 'Ciência universal' não existe universalmente, mas está de fato concentrada em um conjunto de países, ela não será localizada, e, portanto não universal?

É válido, portanto perguntar também: qual programa de ação está contido no debate atual sobre internacionalização? Não há tradução, ou translação, sem deslocamento, portanto cabe a dúvida, quem é o verdadeiro ator, a internacionalização ou os modelos que exigem a internacionalização?

Vamos compreender a internacionalização como uma proposição dinâmica onde nada é fixo, nem o termo, nem seus conteúdos, nem as consequências. Teremos que dividir a responsabilidade por esse termo dinâmico por muitos atores. Se a internacionalização está sendo entendida como uma ferramenta que mobiliza e promete realizações, os 'sem ciência', de posse dessa ferramenta, no caso a internacionalização, não se transformam em 'com ciência' imediatamente, pois a ferramenta não é neutra. Ao se retirar um obstáculo se alcança apenas os objetivos já previstos, e talvez outros obstáculos de mesma ordem, isto é grandes laboratórios, grandes e caros, adequados para produzir dados a partir de aportes econômicos e políticas em que os problemas a responder interessam àqueles que fazem as perguntas e não aos nossos problemas específicos.

Se pudermos compreender internacionalização como resultado de uma composição, uma propriedade de todo o conjunto não separável em algumas publicações ou em alguns cientistas será possível, talvez, alterar o quadro final.

Permanece em nosso mundo acadêmico o entendimento de que a ciência é algo universal e que apenas as comunidades científicas é que são locais ou nacionais, quando se verifica que a ciência é apenas universalizada, mundializada, e não universal, global ou transnacional, quer dizer a "Ciência", em maiúsculo, ontológica, não existe universalmente, mas sim localmente, tanto quanto os grupos ou comunidades de cientistas.

A pressuposição de que nossas faltas significam que há alguma incapacidade local para construir uma fala, saber ou conhecimento sobre a realidade que já está dada em outros lugares do mundo é empobrecedora. A posição modernizadora continua exatamente como nas descrições feitas por aqueles que acreditavam nos modelos teóricos do subdesenvolvimento e da modernização. Por isso é que vivemos nos perguntando o que nos impede de "chegar lá".